

Richard HINGLEY

The Recovery of Roman Britain
1586-1906, a colony so fertile

**Oxford: Oxford University Press, 2008,
390 p.**

ISBN 9780199237029

Richard Hingley, livre-docente da Universidade de Durham, Inglaterra, destaca-se no cenário dos estudos sobre a Antiguidade e sobre a Arqueologia, por sua preocupação com a inserção da pesquisa no seu ambiente histórico e social. Neste volume, recém-lançado na prestigiosa coleção *Oxford Studies in the History of Archaeology* (Coleção de Oxford de Estudos sobre a História da Arqueologia), Hingley volta-se para os estudos sobre a Bretanha romana por cerca de dois séculos. Procura mostrar como os vestígios materiais contribuíram para informar, desenvolver e contradizer o conhecimento advindo dos textos clássicos. Demonstra como a colonização inglesa da Escócia, da Irlanda e de outros territórios, como a Nova Inglaterra e a Índia, moldou as interpretações sobre a atuação dos romanos na Bretanha.

O livro inicia-se com uma introdução, na qual se enfatiza que os objetos possuem um poder de agenciamento, na medida em que influenciam os modos de pensar e agir dos seres humanos. Quatro temas aparecem como recorrentes:

- A ideia de que a civilização foi introduzida aos bretões nativos por meio de sua incorporação ao império romano;
- Os modos pelos quais a separação de civilizados e incivilizados, por meio de muros romanos na fronteira norte, foram interpretados;
- O tratamento das construções identitárias de romanos e bretões, em relação com as identidades modernas;
- O papel das ruínas romanas nas propostas relativas à atuação imperial britânica.

O primeiro capítulo volta-se para os reinados de Isabel I e Jaime I e a publicação do livro *Britannia*, de Camden, com sua

coleção de inscrições latinas encontradas na Ilha. John Speed (1551-1629) publicou uma História da Grã-Bretanha, na qual aparecem pintados os nativos bretões e pictos. O período romano foi considerado particularmente relevante por Camden e Speed, entre outros autores da época, por ter introduzido a civilização, assim como o Cristianismo e a ideia de unidade da Grã-Bretanha. Perscruta a literatura do período, que ressalta como os romanos levaram a ordem para complementar a coragem dos bárbaros. Como colonizadores da Irlanda e do Novo Mundo, os ingleses percebiam analogias entre seu próprio poder civil e militar e o dos romanos.

O segundo capítulo volta-se para o muro de separação de bárbaros e romanos, título retirado de passagem de uma fonte romana, *Scriptores Historiae Augustae*, De Vita Hadriani, 11, 2 (“Adriano foi o primeiro a construir um muro, com oitenta milhas de comprimento, para separar bárbaros e romanos”). Diversos autores tentaram mostrar a importância da ocupação romana na Escócia, embora outros enfatizassem a independência dos antigos pictos. As narrativas dos autores clássicos sobre a Bretanha foram usadas, no século 18, para conceituar a colonização interna e externa àquela época. O terceiro capítulo mostra como uma visão militar da ocupação romana contrastava com interpretações civis, disputa que, de alguma forma, continua até os dias de hoje. A ordem Georgiana (*Georgian order*), tão bem conhecida na Arqueologia Histórica do mundo americano, aparece em toda sua utilização dos motivos romanos. O controle imperial britânico ronda sempre a maneira de encarar as evidências materiais romanas encontradas na Grã-Bretanha.

Em seguida, Hingley intitula o quarto capítulo com uma citação: “A ocupação romana da Bretanha e a nossa ocupação da Índia” (B. Windle, 1897). Em meados do século 19, muitos antiquários continuavam a lutar com a ideia de que a cultura romana pudesse ter se espalhado para os bretões, por analogia com o que ocorria com os britânicos na Índia. A escavação de fazendas romanas (*villae*) foi incentivada pela aristocracia rural. O conceito de raça, tão presente na vida social da época, foi também transposto para o entendimento do mundo antigo, assim como pulularam as buscas por origens cristãs. São Paulo teria convertido a bretã Cláudia Rufina, filha do rei nativo Cogidubnus, e assim teria começado a evangelização da Ilha, já no século 1.

Como descrevia Grover, em 1870: “a civilização, com suas bênçãos e pragas, atraía o morador comum da Ilha britânica. Um longo ciclo de imperialismo magnífico, por quatrocentos

anos, tinha que ocorrer”. O General Pitt Rivers, um dos fundadores da Arqueologia moderna, fundou seus primeiros estudos e métodos na busca dos bretões romanizados. A romanização, tradução do alemão *Romanisierung*, termo criado por Mommsen, inseria-se na perspectiva da aculturação, com a passagem implícita de uma cultura inferior para outra superior. Francis Haverfield foi responsável por tentar reconciliar as vertentes civis e militares na explicação do domínio romano da província, por meio do conceito de romanização. Na conclusão, Hingley ressalta que artefatos, depósitos e monumentos foram importantes para a forja de narrativas históricas, que davam sustentação ao domínio britânico das áreas colonizadas na Irlanda, na América, Índia e África.

Há diversos aspectos que devem ser ressaltados nos argumentos de Hingley. Em primeiro lugar, demonstra como o estudo de um tema tem muito a ganhar com uma reflexão sobre sua inserção nas circunstâncias históricas. A Arqueologia do século 21 apresenta rupturas, mas também continuidades insuspeitadas com as pesquisas antiquárias dos últimos quatro séculos. Em seguida, fica também claro que os modelos interpretativos usados pela Arqueologia faziam sentido como respostas aos problemas políticos de suas épocas, aos desígnios de dominação moderna. Não é possível, portanto, desvencilhar a maneira de encarar os romanos, das situações e interesses das épocas posteriores. Em termos arqueológicos, o uso da cultura material romana, em época moderna, serviu a diversos propósitos, tanto na Grã-Bretanha, como em áreas muito distantes. Não se pode considerar a moderna ordem georgiana, levada para a América do Norte, sem entender como fazia parte de uma narrativa da materialidade romana, ainda que para usos modernos e burgueses. A leitura desta obra será, portanto, de grande interesse não apenas para os que se interessam pelo mundo antigo, como pela modernidade e pela epistemologia da disciplina arqueológica.

PEDRO PAULO ABREU FUNARI

Professor Titular do Departamento de História e Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos, Universidade Estadual de Campinas.

